

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função do verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos

O verbo tem que pegar delírio.¹

Recebido em 1/3/2001.

Aceito em 22/4/2001.

Giselle Falbo Kosovski
gifalbo@centroin.com.br

A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto. Marcus André Vieira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001

Leticia Nobre

Bolsista recém-doutora (CNPq) no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ipub-UFRJ)

“A vida é curta demais para contentar-se com palavras. E difícil demais, porém, para dispensá-las.”

(COMTE-SPONVILLE, A.)

Extraír da paixão sua ética permite determinar o sujeito na responsabilidade de seu ato, apontando a reversão fundamental operada pela psicanálise no campo dos afetos. Pois, se o afeto encontra-se tradicionalmente aproximado do mundo energético que anima a existência humana, em oposição à razão que lhe dá sentido, observa-se que com a psicanálise, a ilusória dicotomia entre corpo e mente é prontamente interrogada pelo próprio advento do inconsciente em sua função discursiva. Sendo assim, o afeto já não se estabelece mais como um *quantum* de energia amorfo, por vezes caótico, quase animal, impropriamente descarregado sobre um pobre corpo que dele padece. Pelo contrário, o que o livro de Marcus André Vieira vem demonstrar com precisão e clareza é a pertinência do afeto, mantidas as peculiaridades de tal pertinência, ao enredo significativo que tece as tramas da implicação do sujeito em seu destino. Isso não quer dizer que o autor reduza o afeto à sua função significativa nem tampouco que o faça corresponder a um estado prévio à representação. Descreve-o, isso sim, em sua conexão com pontos cruciais da constituição do sujei-

¹ BARROS, M. *O livro das ignoranças*, Rio de Janeiro, Record, 1997, p. 15.

to, tocados pela experiência analítica, tais como pulsão, desejo e gozo. E será mesmo essa, a do sujeito no particular de sua constituição, a via que o autor de algum modo privilegiará para estabelecer com seu livro uma minuciosa cartografia da complexa teoria psicanalítica do afeto tal como proposta por Freud, ressaltando que “esta teoria deve manter-se, tal como a própria psicanálise, estruturalmente precária do ponto de vista de sua universalização” (p. 15). Mas, se pela via exclusiva do particular seríamos certamente conduzidos a uma infinidade de histórias clínicas, que de nada contribuiriam com os esforços de formalização e transmissão do lugar do afeto na psicanálise como indicativo da posição do sujeito, também uma apropriação exclusivamente universal do tema nos traria o risco de uma exegese da noção de afeto bastante distante de sua incidência em termos discursivos.

Evitando assim qualquer uma das duas exclusividades, o autor permite-nos acompanhá-lo na rigorosa construção de um saber sobre a questão do afeto em psicanálise, saber esse que, fundado na ignorância das regras que o constitui, mantém-se exemplarmente localizado por Marcus André Vieira no intervalo entre o particular clínico e o universal conceitual. Apresenta-nos, para tanto, a possibilidade de que seu livro — acrescido de índices temáticos e de uma coletânea de citações escolhidas —, consista em “um guia para a leitura de Freud e de Lacan sobre o afeto que pode servir tanto para iniciantes quanto para praticantes” (p. 16). Nesse sentido, revela-se o cuidado do autor na revisão de conceitos freudianos fundamentais, necessária ao bom atravessamento do tema, bem como a articulação destes a referências clínicas que possibilitem sua delimitação ética. Porém, é

no “segundo roteiro de leitura” (p. 16), eleito pelo autor como seu preferido, que a presente publicação adquire, de fato, toda sua originalidade, afastando-se em definitivo de sua origem acadêmica como tese de doutorado. Pois, se com a indicação para esse segundo roteiro, de que a leitura do livro se dê a partir de seu final, o autor já demonstra uma abordagem bem pouco convencional do tema em questão, sinaliza ainda mais, com o inusitado de tal indicação, os efeitos de uma subversão aí produzida. Estabelece-se assim uma relação de avesso, em um “sentido inverso do primeiro”, entre as duas possibilidades de leitura por ele assinaladas. Mas, ainda que, em ambas as direções o afeto se encontre desde sempre distanciado de qualquer concepção biologizante que certamente o descreveria em termos corporais de descarga e/ou de acúmulo de energia, será propriamente na segunda via de leitura proposta que o afeto encontrar-se-á inscrito em sua radical aproximação ao que é da ordem do dizer. Exige-se, então, que o afeto seja agora examinado à luz dos rigorosos parâmetros que fundam e que sustentam a ética da paixão na psicanálise.

“Ética da paixão, aqui, afirma que existe não somente uma leitura psicanalítica do afeto, mas que existe também um discurso freudiano das paixões, que encerra em si a única realização possível desta teoria. (...) Somente assim os efeitos dessa nova leitura dos afetos podem passar da análise para a vida e da psicanálise para a cultura.” (p.16, 17)

Mas, afinal, de que modo se organizam no livro de Marcus André Vieira os termos fundamentais dessa nova leitura dos afetos? Partindo do que ele propõe como “discurso em ato”, o autor, ao in-

vés de reunir os afetos em uma lista conceitualmente exaustiva, demonstra a “lógica de funcionamento” que regula os jogos da paixão, em que os afetos encontram-se discursivamente dispostos e a lógica tem, por princípio, o não-conhecimento apriorístico das regras que constituem tais jogos. “O afeto é este jogo de linguagem tanto mais apaixonante quanto mais se funda sobre a ignorância de seu fundamento pulsional” (p. 17). Nessa direção, nenhum afeto se mostra mais apropriado do que a angústia para introduzir o exame da lógica assim demonstrada. “Tudo começa com a angústia” (p. 163), nos lembra o autor, e esta servirá, de fato, como a situação paradigmática que aponta para a precariedade dos recursos neuróticos frente a incidência do desejo do Outro. Definida como “uma experiência de desmoronamento radical das escoras subjetivas” (p. 163), a angústia, tal como encontra-se apresentada no último (ou no primeiro) capítulo do livro, franqueia o acesso do leitor ao mapeamento dos afetos que compõem o sentido da existência do sujeito. Tal mapeamento apresentará, então, um elaborado estudo de afetos como amor, ódio, ignorância, fúria/ciúme e inveja, depressão/luto e tristeza, alegria e mania, culpa/temor e piedade, dentre outros. Porém, se em um caminho natural estaríamos, a partir desse estudo, próximos da configuração de um compêndio sobre os afetos, a destreza do autor em manter seus enunciados inscritos em uma lógica estritamente psicanalítica, enlaçando-os com o fino “fio da experiência analítica” (p. 232), não permite que esse fechamento aconteça. Pois, se o autor conclui que

“o afeto pode se constituir como um meio de abordagem da ética da psicanálise. Ele nos faz ver o invisível. Permite ouvir algo desta ética, silenciosa mas falante, particular mas transmissível, pois transpõe a tragédia para o espaço do drama menor da cena afetiva, que ele representa” (p.238)

mantém mesmo aí, em sua conclusão, pontos de abertura na questão dos afetos, essenciais à manutenção do “discurso em ato” inicialmente proposta; doutra ignorância que opera e faz trabalhar.

E é mesmo por esse chamado ao trabalho que *A ética da paixão: Uma teoria psicanalítica dos afetos* convoca o leitor a abandonar seus “pré-conceitos”, biológicos e/ou psicológicos, relativos ao afeto para enfrentar, no jogo das paixões, as dificuldades de sua apreensão. Para tanto, o capítulo que no livro trata das “Questões de método” (p. 146-162) situa claramente, a partir de algumas distinções metodológicas, os bons instrumentos necessários a esse percurso.

Enfim, se a partir do livro de Marcus André Vieira podemos perceber a complexidade que envolve o tema dos afetos, especialmente se o enfrentamos com o rigor que a psicanálise exige, é também daí que depreendemos a relevância de seu estudo. Pois, se “o afeto interessa, antes de mais nada, porque ele é a substantificação da paixão”, é como “âncora do sentido” (p. 235) que ele tomará sua função, desde onde o sujeito é possível advir. Para tanto, deve-se seguir a interessante indicação do autor recolhida no texto de Lacan: “Não devemos tomá-lo (o afeto) como substantivo, mas sim fazê-lo passar ao verbo” (p. 234).

Só assim, “a descoberta da gramática de uma estrutura singular é o que permitirá inventar o paradoxo de um saber, sempre já escrito e, ao mesmo tempo, novo, que opera no tratamento e na vida” (p. 17).

Recebido em 20/2/2001.

Aceito em 15/3/2001.

Leticia Nobre
letnobre@openlink.com.br